

A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Igor Alessandro Almeida ¹
Adjuto de Eudes Fabri ²

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de discutir estratégias que contemplem a melhor maneira de realizar a educação sexual na primeira infância no ambiente familiar. Por meio de um levantamento bibliográfico foi apresentada uma proposta conceitual e consistente sobre a educação sexual destes pequenos. Ou seja, a melhor forma de orientá-los adequadamente, respeitando a sua faixa etária, bem como reconhecendo a inerência da sexualidade aos seres humanos desde as primeiras fases da existência, contribuindo assim, para a compreensão da criança sobre o seu próprio corpo e de como interagir com ele de forma saudável e sem tabus.

Palavras-chave: infância, educação sexual, família, tabu

ABSTRACT

This article aims to discuss strategies that contemplate the best way to carry out sex education in early childhood in the family environment. Through a bibliographic survey, a conceptual and consistent proposal was presented on the sexual education of these little ones. In other words, the best way to guide them properly, respecting their age group, as well as recognizing the inherence of sexuality in human beings from the earliest stages of existence, thus contributing to the child's understanding of his own body and of how to interact with him in a healthy and taboos-free way.

Keywords : childhood, sexual education, family, taboo.

INTRODUÇÃO

Mesmo que o tema sexualidade e toda sua transversalidade esteja na pauta das discussões mais recentes em todas as esferas sociais, que os meios de comunicação de massa e a publicidade exibam este conteúdo de maneira direta e indireta, e ainda, que a sexualidade seja inerente a todo ser humano em desenvolvimento - e na criança gere curiosidades quanto à origem ou quanto à estrutura fisiológica-anatômica desses pequenos indivíduos - ainda assim,

¹ Especialista em Sexualidade Humana, Terapia e Educação Sexual (Universidade Positivo), Pós-graduado em Terapia de Família e Casal na Abordagem Sistêmica (Universidade Avantis-SC) e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas (Fatebe). Formação em Psicanálise Clínica (Instituto de Psicanálise Jurídica e Social - IPJUS/SC). Graduado em Teologia (SEMIBC e FCC). Contato: igoralessan@gmail.com

² Doutor em Psicologia Social (PUC-SP), Mestre em Educação (Unicamp) e Especialista em Educação: Fundamentos e Metodologia (UEPG). Graduado em Psicologia (UFPR).

percebe-se que adultos, e principalmente os pais, encontram muitas dificuldades para realizar qualquer tipo de educação sexual na primeira infância no ambiente familiar. Desta forma, compreende-se que o tema sexualidade infantil ainda está ligado diretamente a tabus e preconceitos de todas as naturezas e portanto o tema sempre é preterido.

Assim, consiste em grande desafio para os pais perceberem a fundamental importância que têm no que tange à educação sexual ainda na primeira infância. Uma vez que são determinantes na formação psicológica da criança durante o seu desenvolvimento, os filhos precisam sentir-se seguros e acompanhados pelos seus pais, pois de acordo com Ross (2014), “os pais que acompanham o filho durante o seu crescimento são os seus conselheiros. Acompanhar bem o filho supõe que os pais tenham conservado o bom senso natural [...]”

Sendo assim, os pais que acompanham o desenvolvimento de seus filhos nas diversas etapas da vida estão exercendo o bom senso natural. Isso pode garantir à criança um desenvolvimento saudável de sua sexualidade, visto que a criança é um ser em formação marcada pela inocência e cada descoberta é motivo de muita alegria e entusiasmo para buscar uma nova descoberta.

Ezzo e Bucknam (2012), afirmam que a primeira infância “é a época de inocência e de brincadeiras, uma época em que a alegria de uma descoberta se une à próxima aventura à espera de uma nova esquina.” Por isso é importante que os pais acompanhem seus filhos para direcionar os caminhos que garantam uma descoberta bem-sucedida, evitando assim, que estes sofram possíveis traumas durante o seu desenvolvimento psicosssexual.

É consensual entre os estudiosos que a sexualidade é algo que se constrói e se aprende ao longo da vida, pois faz parte do desenvolvimento do ser humano, não sendo, portanto, um processo que se inicia na puberdade, como imaginam alguns. Ao contrário, ainda a partir do nascimento começa seu desenvolvimento *pari passu* a todos os outros sistemas do corpo que vão amadurecer ao longo da vida.

Para Ezzo e Bucknam (2012): “A vida adulta, embora distinta da infância e da adolescência, é totalmente construída sobre o fundamento que os pais proporcionam aos seus filhos durante a primeira infância”.

Desse modo, compreende-se que a família é o principal agente educacional

da criança, sobretudo nos primeiros anos, exercendo diretamente influências na construção do seu eu e dos seus valores éticos. Toda criança carece de uma base familiar para se desenvolver integralmente, sendo importante que essa base seja sólida e aberta ao diálogo sobre quaisquer assuntos com os seus filhos.

De acordo com Ribeiro (2005), a base da educação familiar é o princípio da construção da ética e dos valores de respeito por si e pelo outro e são ensinamentos que caminham com os filhos por toda a vida. Ou seja: as atitudes, os pensamentos, as emoções e os comportamentos são heranças que darão a base para se viver em sociedade.

1. EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA: TABU

“Sabemos duas coisas sobre desenvolvimento sexual: crianças aprendem sobre sexo no mundo e são inerentemente sexuais”. Esta frase que introduz o capítulo um do livro *“Sobre sexo (tudo o que você teme que seus filhos perguntem, mas precisa informar)”* dos renomados doutores de Harvard Justin Richardson e Mark A. Schuster ainda consegue desestabilizar muitos pensadores e psicólogos modernos que têm dificuldade de se desfazer da visão iluminista do século XVIII na qual a criança é uma página em branco e nasce sem sexualidade.

No século XVIII, os vitorianos ingleses aperfeiçoaram a imagem da criança inocente e elaboraram toda uma ciência para protegê-la dos conhecimentos sobre sexo, chegando ao ponto de cobrir as pernas do piano com saias plissadas. Crianças eram anjos. Adultos eram sexuais (...) Não é à toa que o mundo tenha recebido as teorias de Freud sobre a sexualidade infantil como uma maionese estragada em um jantar de gala. (RICHARDSON e SHUSTER, 2010).

Com vistas a encontrar a melhor maneira para realizar a educação sexual na primeira infância no ambiente familiar, buscou-se entender as dificuldades encontradas no processo educativo para a orientação sexual e prevenção destes pequeninos no ambiente intrafamiliar, como também a conscientização da importância da educação sexual desta criança.

Desde Freud, que chocou a sociedade de sua época ao falar da sexualidade infantil - rompendo com a imagem da criança inocente, assexuada – muitos outros estudiosos corroboram a ideia de uma sexualidade que se desenvolve

ao longo da formação do indivíduo. Como os próprios RICHARD E SHUSTER (2010) afirmam: “A sexualidade existe e se desenvolve naturalmente em todas as crianças. Começa a se manifestar quando ainda são bebês e se desdobra e amadurece à medida que crescem.”

Dessa maneira parece bastante aceitável a visão pós-freudiana de uma criança sexualizada, que sente prazer, tem reações involuntárias de excitação nos meses iniciais da vida, inclusive ainda no útero e que tece suas próprias relações de afeto. Assim, também é justificável uma atuação educacional nessa área, ainda na primeira infância, bem como uma disseminação cada vez maior dessa abordagem mais realista e científica sobre o assunto como forma de romper com esses tabus perpetuados até a contemporaneidade.

Por esta mesma razão RICHARDSON E SHUSTER (2010) alertam sobre a importância dessa interferência dos pais:

Sua influência pode ser grande em alguns fundamentos da vida sexual de seus filhos, como a intensidade da autoestima deles e a probabilidade de eles conhecerem e assumirem riscos relativos à saúde. É tarefa dos pais informar os filhos sobre sexo, ajudá-los a desenhar suas concepções morais, mediar a influência dos colegas sobre suas decisões. (RICHARDSON E SHUSTER, 2010).

Todavia, até que estas situações que envolvam o sexo propriamente dito na vida de adolescentes e jovens sejam uma realidade, é necessário sedimentar informações que mais tarde se conectarão a outras tantas e aos impulsos cada vez mais patentes para formar um indivíduo pleno de sua sexualidade e pronto para fazer escolhas conscientes.

É preciso lidar com a sexualidade das crianças do mesmo modo que lidamos com o restante do processo educacional. Ensinamos que devem utilizar o banheiro para suas necessidades; que precisam aprender a comer com talheres; que não podem rabiscar as paredes, somente no papel; etc. Por que não podemos ensinar-lhes que mexer em seus genitais são atos pessoais e, portanto, reservados a determinados lugares e momentos? (...) (SCHIAVO, 2004).

Ezzo e Bucknam (2012) apresentam uma série de obras, que reúnem experiências e dicas, para preparar pais e mães nesta fase crítica de crescimento do seu filho. Os autores apresentam instruções desde os primeiros passos à retirada das fraldas, afirmando que os pais são personagens fundamentais na apresentação do mundo aos filhos. Eles chamam a atenção dos pais desde muito cedo, pois os

filhos estarão sempre em fase de aprendizagem com muita avidez, demonstrando sentidos apurados, memória vívida, rápida percepção das coisas e energia incrível ao seu redor. E cabe aos pais todo empenho para guiá-los e tirar quaisquer dúvidas. Nesse contexto, a obra “Educando Infantes” de Ezzo e Bucknam (2012) reúne ferramentas importantes, estratégias e ideias que irão auxiliar os pais a criarem um ambiente propício de amor e cuidado aos seus pequeninos.

Lopes (2015) aponta a família como a primeira formadora de opinião e posteriormente cabe à escola o papel de informar cientificamente. A autora alerta que se o adulto não tivesse um olhar tão negativo para a sexualidade, a educação sexual aconteceria sem espanto algum.

Educadores defendem a ideia de que a educação sexual começa na primeira infância, de modo informal, na família, em todas as situações sociais em que a criança está colocada. Assim, à medida que a criança vai crescendo e a curiosidade vai chegando, os pais já apresentam insegurança, desconforto e na maioria dos casos fogem do assunto. Eles acabam reprimindo a criança diante do interesse pela temática. Numa orientação dada por Richardson e Schuster (2010) especificamente aos pais, orientam:

Sobretudo em seus primeiros anos de vida, o que as crianças aprendem sobre amor e sexo vem do modo como você se relaciona com elas e com o corpo delas. Da forma como você reage às curiosidades delas sobre sexo. Da maneira como você deixa as crianças se relacionarem com você. (RICHARDSON e SCHUSTER, 2010).

Desse modo se observa que a interação entre pais e filhos pode ser naturalmente a maior fonte de educação sexual, sem perpetuar tabus apelando para a repreensão arbitrária de qualquer curiosidade ou manifestação de curiosidade sobre o tema por parte da criança.

Portanto, os responsáveis devem estar atentos às influências do meio social em que esta criança está inserida. Para Lopes (2015), os tempos em que vivemos são extremamente estimulantes, onde a valorização do sexo e o erotismo promovem curiosidades para inúmeros assuntos relacionados à sexualidade, os quais abrem lacunas de vulnerabilidade desde muito cedo:

Diante de tantos estímulos, “liberdade” e supervalorização do “sexo”, as suas perguntas, curiosidades estão voltadas também para o erotismo, prazer, homossexualidade, entre outros temas”. Questões que, na maioria das vezes, deixam os pais, profissionais e educadores ainda mais “perdidos” para atender às dúvidas de seus filhos, clientes e alunos.

Contudo, é certo que nossos filhos, diante de uma dúvida, sentem-se inseguros e se tornam ainda mais vulneráveis às informações incorretas, que, com certeza, somente aumentam seus medos e formação de conceitos inadequados. (LOPES, 2015).

Destarte, parece estar claro que a criança tem uma sexualidade em desenvolvimento desde as fases iniciais da vida e que mesmo que ainda esteja envolta em muito tabus, tem sido cada vez mais urgente a tomada de posição por parte dos pais nessa tarefa que se impõe aos mesmos em tempos em que a escola e a mídia parecem tomar para si toda a responsabilidade de educação na área sexual.

Os pais queiram ou não, são os principais educadores sexuais. São os primeiros modelos de homem e mulher com os quais a criança interage. A forma como se relacionam entre si, assim como a forma como se relacionam com seus filhos, meninos e meninas, são o início de um processo de modelagem, dos padrões de masculinidade e feminilidade. (...) A percepção que eles têm sobre a sexualidade em geral e, mais especificamente, sobre sexualidade infantil, de meninos ou meninas, serão as primeiras referências sobre sexo que as crianças vão internalizar. (SCHIAVO, 2004).

Constata-se, dessa maneira, que o processo de assimilação se dá até mesmo de forma involuntária por parte dessa troca cotidiana. Por serem os primeiros e os da maior convivência na fase infantil, esses modelos adquirem forte significado e, portanto, poderiam se dar também de maneira consciente e intencional.

2. AS NECESSIDADES BÁSICAS DE UMA CRIANÇA

De acordo com o escritor Drescher (2013), com vasta experiência na área de aconselhamento e do universo infantil, depois de ter realizado uma minuciosa pesquisa (com pais e psicólogos), compreendeu que o caminho para uma boa educação e prevenção da integridade de uma criança é supri-la na totalidade do seu ser, sejam as necessidades física, emocionais e/ou intelectuais.

A família é o primeiro núcleo de desenvolvimento e sociabilidade de um indivíduo. Cabe à mesma o papel de assegurar o desenvolvimento saudável, a conservação e a integridade dessa criança. Partindo do conceito e do valor de uma sociedade organizada, considera-se que a infância tem em sua representatividade a

formação do caráter do ser humano e as descobertas dos sentidos da vida de forma única e singular de sua cosmovisão.

Sua consciência transcorrerá desde o nascimento, onde foi despertada do seu ambiente aconchegante e seguro intrauterino, para um mundo estranho e ameaçador, em que proteção e cuidados especiais são vitais para o seu crescimento saudável em um ambiente harmonioso e seguro para que o seu desenvolvimento físico e psíquico possa ter melhor preparo para as próximas etapas da sua vida.

Drescher (2013) ressalta que a criança deve crescer em um ambiente de pais amorosos e cuidadosos, onde se faz necessário gerar senso de responsabilidade e bem-estar, em que o diálogo acontece em todas as esferas sociais que se fazem necessárias. Contudo, compreende-se que a família tem o papel fundamental na totalidade de sua educação, desde os primeiros passos e durante todo o desenvolvimento dessa criança.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada, quanto à abordagem, é **qualitativa**, ou seja, baseada nas discussões teóricas e correlação entre referências teóricas publicadas. Une-se a isso a natureza **aplicada** desta pesquisa que parte de um conhecimento já produzido na busca de interferir de maneira prática na realidade. A mesma, em relação aos objetivos, é **descritiva**, uma vez que o objeto de estudo já é conhecido e apenas será discutido por uma nova percepção.

Quanto aos procedimentos, é **bibliográfica**, uma vez que os dados foram coletados de livros e referências secundárias a respeito do tema "*Educação sexual na primeira infância*" nos últimos 20 anos. Buscou-se autores que tivessem, além de trabalhos acadêmicos sobre o assunto, também experiência com trabalhos práticos na área de educação sexual para crianças.

Desse modo as informações pesquisadas foram discutidas de maneira **crítico-indutiva**, portanto não se pretende definitiva e estanque, e sim figurar como um ponto de partida para novas discussões e pesquisas que envolvam e ampliem a temática da educação sexual na primeira infância.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Não são poucos os autores que têm se dedicado a oferecer algum tipo de instrução quando o assunto é educação sexual de crianças. Para este fim específico de oferecer respostas ou pelo menos sugestões a este respeito é importante trazer conceitos teóricos que validem tal discussão. Nesse contexto, Richardson e Schuster (2010) tem experiência na área de atendimento a famílias, bem como em pesquisas de acompanhamento de pais e podem ser de grande valia nessa tentativa de apontar uma direção. No capítulo “Desenvolvimento sexual de seu filho” os autores apresentam algumas sugestões de abordagem da sexualidade com pequenos que são corroborados por Ribeiro (2005).

Muitas pessoas pensam que as questões de sexo entram na vida da família quando os filhos atingem a puberdade. São pessoas que nunca tiveram um filho de 5 anos em casa. (...) da primeira infância aos anos intermediários da educação muita coisa que acontece em casa envolve a sexualidade, tanto a dos filhos quanto a dos pais. (...) Ao longo dos anos, é da relação com você que seu filho aprenderá a interpretar seu corpo, a entender sua sexualidade e evoluirá por fim, até aprender a amar. (RICHARDSON e SCHUSTER, 2010, p.72).

Dentre estas muitas perspectivas apresentadas por estes autores está a importância do toque como vínculo de confiança estabelecido entre pais e filhos e sobretudo a importância da linguagem utilizada para se referir ao corpo, por exemplo:

Se o toque ensina a criança que ela tem um corpo, as palavras ensinam o que você e o mundo - o mundo das regras e da linguagem - pensam a respeito dele.(...) Entre os modos de se referir ao sexo das crianças, não lhes dar nome algum é algo que consideramos altamente contraindicado. As crianças pequenas precisam de palavras não só para falar sobre si próprias, mas – e talvez o mais importante - para pensar com elas. A ausência das palavras limita significativamente a capacidade da criança de entender seu próprio corpo. (...) Por isso, sejam quais forem os nomes de estimacão que você use em casa, não deixe de ensinar aos seus filhos os termos anatômicos correspondentes. (RICHARDSON e SCHUSTER, 2010, p.76).

Naturalidade é a “palavra-chave” para você conversar sobre sexo com seu filho. É importante passar para ele, logo no início dessa conversa, que a sexualidade de todos nós é algo natural e que não devemos ter culpa ou vergonha de perguntar. (...) Não há uma idade “certa” para você iniciar essa conversa - certamente seu filho vai sinalizar o início quando chegar com a primeira pergunta. Esse é o momento. Mesmo que você o considere novinho demais, por exemplo, aos 2 anos. Portanto, saiba que não é: idade para perguntar é idade para se ter resposta. (RIBEIRO, 2005, p.67).

Desta forma, se percebe muito claramente que nos primeiros anos da criança o toque e a linguagem são agentes imprescindíveis nesse diálogo, nessa troca. Mais uma vez fica muito explícito na visão dos dois autores que é preciso falar. A ditadura do silêncio imposta por uma mentalidade pertencente a uma outra época, demonstra não ser mais uma saída viável na criação dos filhos no século XXI. Mesmo que esse silêncio ainda permaneça em voga como mostra uma pesquisa realizada com crianças entre 15 e 36 meses de idade e citada por Richardson e Schuster (2010): “(...) 95% dos meninos haviam aprendido a palavra pênis, enquanto apenas 52% das meninas haviam recebido um nome específico para seus genitais. E 40% delas não haviam recebido nome algum”.

Como visto, há um imenso obstáculo que tem separado os pais de um diálogo verdadeiro e sincero acerca da sexualidade de seus filhos na primeira infância, e quando se trata de crianças do sexo feminino, o problema é ainda mais grave. E quando os assuntos são mais específicos, como masturbação e jogos sexuais, então, esses obstáculos se tornam abissais.

A probabilidade é que você não goste de confrontar a sexualidade da sua filhinha, talvez até prefira imaginar que ela não existe (...) A questão está no fato de as crianças pequenas serem sexuais. Como sabemos, as crianças em idade pré-escolar têm sensações sexuais, e se masturbam, e com seus amiguinhos praticam jogos exploratórios de olhar e tocar. (...) estes momentos estão entre as oportunidades cruciais para informar um filho ou filha sobre o sentido do prazer sexual e do comportamento sexual, sobre respeito e responsabilidade e sobre assumir um papel no ensino das futuras decisões sexuais de seus filhos. (RICHARDSON e SCHUSTER, 2010, p.76)

Não seria possível elencar todas as situações referentes a este convívio e troca de informações que envolvem a sexualidade, mesmo porque surgem de maneira espontânea no contexto familiar nos primeiros anos da criança. Porém parece haver considerável convergência entre os estudiosos da área, sejam brasileiros como Ribeiro (2005) ou mesmo de outras nacionalidades como os americanos Richardson e Schuster (2010) no sentido que tais situações devem consistir num sinal de que é hora de falar sobre o assunto, sem repreensão gratuita, mas ajudando a criança a desenvolver uma atitude de aceitação em relação a si mesma e ao prazer que sente com seu corpo, para que ela aprenda a não sentir vergonha de seus genitais ou do prazer que eles lhes proporcionam e que entendam quais os comportamentos aceitáveis nas mais diversas circunstâncias sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, percebe-se que a educação sexual na infância está envolta por muitos preconceitos e falta de informação. Confundindo-se assim, o que seria uma educação natural e que respeita as fases da criança e sua capacidade de assimilação para cada idade, com uma exposição gratuita e arbitrária que desperta prematuramente na mesma uma consciência ou curiosidade sobre o tema. O que se propôs aqui, é uma interferência pelos pais num assunto vital que de uma forma ou de outra tem entrado nas casas e cada vez mais antecipadamente começa a fazer parte do imaginário infantil.

O presente artigo conseguiu, de forma satisfatória, apresentar os fatores históricos que levaram a disseminação do tabu que envolve a educação sexual nos primeiros anos e, numa sequência lógica, mostrar o desenvolvimento do pensamento moderno sobre o assunto, com vistas ao esclarecimento e quiçá a tomada de posição em relação à educação aos filhos.

Quanto aos objetivos desta pesquisa, os mesmos foram alcançados, a partir do momento que se apresentaram algumas diretrizes didáticas e práticas de como atuar na educação dos infantes em uma fase crucial na construção da personalidade. E o mais importante, respeitando o ritmo destas crianças, o qual é embalado pelas curiosidades naturais e variáveis de acordo com o contexto social e familiar em que estão inseridas.

Pode-se sugerir o estudo básico sobre a relação da atuação dos pais na educação sexual dos filhos na primeira infância e a prevenção do abuso sexual, ou mesmo a notificação deste tipo de violência.

Desse modo o tema precisa ser encarado com a seriedade e a urgência que demanda, e de preferência não de uma maneira impositiva, mas a partir de uma conscientização da pertinência desse tema e de seu impacto no desenvolvimento saudável do indivíduo de maneira integral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DRESCHER, John. **Sete necessidades básicas da criança**. 3ª Edição. Mundo cristão: São Paulo, 2013.

EZZO, Gery e BUCHNAM, Robert. **Educando infantes**. Universidade da Família: Pompeia-SP, 2012.

LOPES, Cida. **Soltando os grilos: sexo e sexualidade**. Sinopsyse: Belo Horizonte, 2015.

RIBEIRO, Marcos. **Sexo, como orientar seu filho**. Planeta do Brasil: São Paulo, 2005.

RICHARDSON, Justin. SCHUSTER, Mark A. **Sobre sexo**. Editora MM: São Paulo, 2010.

ROSS, Marie-Paul. **A sexualidade dos jovens**. Pequeno manual para pais e educadores. Paulinas: São Paulo, 2014.

SCHIAVO, Márcio Ruiz. **Manual de Orientação sexual**. O Nome da Rosa: São Paulo, 2004.